

DESENVOLVIMENTO URBANO: O NEGRO NA CIDADE DE LONDRINA – PR

Gustavo Ap. de Paula (Ciências Sociais - UEL)
Prof. Maria Nilza da Silva (Orientador)

RESUMO

O racismo perpassa por toda a história do Brasil, em todas as instâncias da vida cotidiana. Nas cidades que atingiram graus mais elevados de urbanização, percebe-se que o negro ocupa as chamadas franjas urbanas. A bibliografia mostra que o negro não tem sido contemplado com os benefícios advindos com o decorrer do processo de urbanização. Sofre com a falta de infraestrutura, ausência de acesso aos direitos básicos, do mesmo modo que sente o estigma causado devido ao local em que reside. Assim sendo, fica reservado os melhores lugares da cidade aos que possuem maior capital acumulado, seja ele econômico ou cultural. Dessa maneira, o que se objetiva é compreender como o processo de desenvolvimento urbano se configura em Londrina-PR, assim como, entender a relação do negro ao longo desse processo. Para tanto, faz-se o uso da revisão bibliográfica exploratória da história e urbanização da cidade de Londrina, bem como, das questões raciais no meio urbano.

Palavras-chave: Desenvolvimento urbano; Londrina; segregação racial.

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca colocar mais um pequeno elo na corrente do conhecimento das ciências humanas. Traz como objeto de estudo a segregação urbana e racial, assim como, as bases econômica e cultural sobre as quais se desenvolve a cidade de Londrina. Por meio de revisão bibliográfica, chegou-se aos seguintes capítulos: “A Escola de Chicago”, que versa a respeito do surgimento da Universidade de Chicago e a influência de Albion Small na maneira como se praticava sociologia em Chicago; em “Segregação urbana e racial”, explicita-se alguns modelos de segregação espacial, tais como, o modelo dos círculos concêntricos, de E. Burgess, ou então, a forma de pensar a segregação urbana de Castells. Quanto a segregação racial, Londrina surge em 1929, período marcado pela forte influência ideológica eugênica que vinha ganhando território no país. No capítulo “História de Londrina aos “olhos” dos documentos oficiais”, percebe-se que existe uma valorização dos que aqui vieram comprar terras e investir seu dinheiro, e os negros que aqui vieram trabalhar à terra, estes não têm espaço nos registros oficiais. Em “E os negros, onde estão enquanto a cidade cresce?”, é apresentada uma figura com a situação em que os negros se encontram no território londrinense.

O presente estudo justifica-se, pois, os vários atos de racismo possuem uma trajetória histórica em nosso país e são reproduzidos em demasia. Dessa maneira, o que se intenciona é o combate às várias situações racistas.

Dentre os conceitos abordados no estudo, estão o de “segregação”, “desorganização social” e de “situação”.



1. A ESCOLA DE CHICAGO

A Universidade de Chicago tem origem em 1895, em um contexto histórico de grande fluxo migratório e pobreza nos Estados Unidos. O seu primeiro professor de sociologia foi o Pastor protestante Abion Small, este era do tipo humanista, interessado na reforma social. O fato de Small ser uma pessoa que se importava com a mudança social influenciava de maneira direta a forma de ensinar sociologia aos seus alunos. O que ele fez foi criar uma sociologia pautada na ação. De maneira indutiva, Small e seus discípulos conduziam as pesquisas sobre os mais diversos objetos de estudos, dentre eles estão: o racismo, a transplantação cultural, a exploração da força de trabalho, a delinquência, a criminalidade, a educação, o trabalho, o desemprego, a habitação, a segregação, *gangs* etc.

Segundo Robert E. Park, “hoje, o mundo inteiro ou vive na cidade ou está a caminho da cidade; então, se estudarmos as cidades, poderemos compreender o que se passa no mundo” (BECKER, 1996). O que Park diz é que, se o sujeito iniciar os estudos de um ponto particular, conhecerá o que existe de mais geral acerca de tal ponto, e assim, terá uma comprovação indutiva de “verdade”. Assim, o que se praticava no que ficou conhecida como a Escola de Chicago era uma sociologia empírica, que tem sua base principalmente nos estudos de campo, em que busca entender as minúcias das relações sociais, por meio de entrevistas em profundidade, leituras de cartas, relatos orais, para, dessa maneira, conhecer de perto a vivência que as pessoas tinham na sociedade.

Tais estudos buscam entender os princípios de organização e competição pelo espaço em nível biótico, utilizando conceitos como os elaborados por William I. Thomas, de desorganização social, que tem suas bases em um processo de desaculturação, pelo qual uma sociedade qualquer, em algum momento histórico, sofre um processo de mudança, tanto nos valores individuais quanto nos valores coletivos. Assim, essas mudanças afetam as relações entre a família, o casamento, a educação, a vida rural etc. Thomas, a partir do conceito de desorganização social, compreende por qual motivo ocorre a imigração social da Polônia para os Estados Unidos. Outro conceito, o de situação, descrito da seguinte maneira: “se um homem define uma situação como real, ela se torna real em suas consequências”. Por conseguinte, o trabalho do sociólogo é compreender a definição da situação que o outro interpreta. Tais conceitos estão entre os mais importantes criados pelos estudantes da Escola de Chicago.

A importância que a Escola de Chicago possui quando se estuda o meio urbano está pautada em como os seus estudos entendem o meio urbano, a sua dinâmica e movimento em relação com os seres vivos nesse meio.

2. SEGREGAÇÃO URBANA E RACIAL

As disputas pelos espaços urbanos se intensificaram a partir do momento em que a sociedade industrial se firmou no continente europeu. Houve um contingente migratório relativamente grande de pessoas que saíam do campo para as cidades em



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

busca de trabalho e melhores condições de vida, de modo que esses, que se tornaram grandes centros, não estavam preparados para receber tal massa humana. A cidade

torna-se palco de disputas acirradas por poder, posses materiais e status, dessa maneira, tais lutas acontecem para além do plano material, envolvendo também questões simbólicas.

Assim sendo, os negros que vieram para Londrina, alguns por trazerem em si pouco estudo, apenas o conhecimento empírico sobre o meio de vivência rural, e geralmente sem muitos recursos financeiros, sendo obrigados a ocupar os postos de trabalho subalternos e, dessa maneira, demoraram a adquirir fundos financeiros para comprar a sua própria terra. Não obstante, acabaram sendo impelidos às franjas da cidade levando consigo o estigma da exclusão.

A literatura mostra alguns tipos de segregação urbana. Segundo Ernest Burgess (PIZZINI, 2015), a cidade está dividida de forma idealizada, em consonância com o Modelo dos círculos concêntricos, destarte, a cidade nasce e cresce de forma quase que natural e de maneira concêntrica, a partir de um ponto geográfico, geralmente associado ao distrito central de comércio (*C.B.D.: Central Businnes District*). Divide-se da seguinte forma: *CBD (Central Businnes District)* e *Factory zone* (local em que estão instaladas as fábricas), *Zone of transition* (local em que ocorrem as trocas comerciais, tanto da produção das fábricas como dos agricultores), *Working class housing* (casa dos trabalhadores), *Middle class housing* (casa da classe média), *Hight class housing* (casa da classe alta), *commuter zone*. É possível comparar a *Commuter zone* com o que é conhecido no Brasil como subúrbio, uma zona afastada do centro que precisa de infraestrutura de transporte urbano para se chegar as regiões mais centrais da cidade.

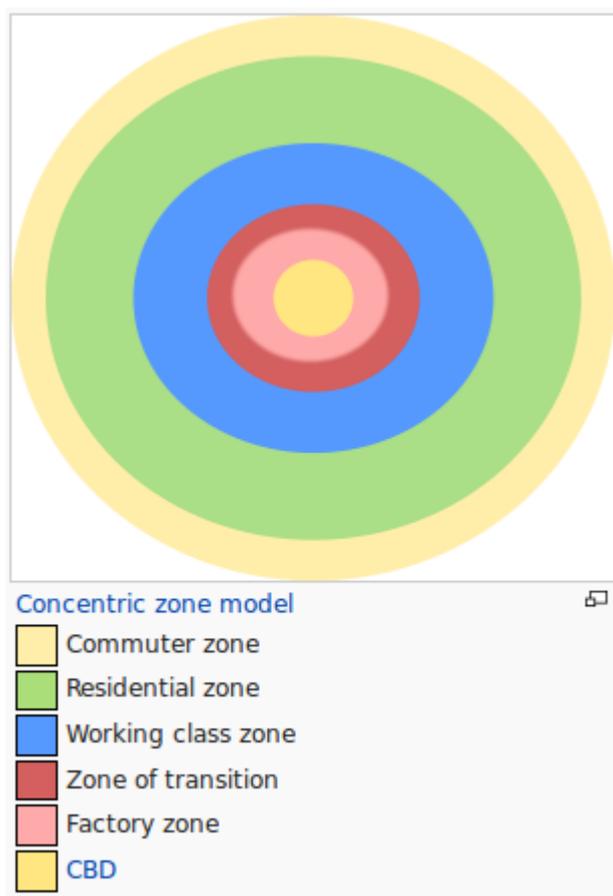




Figura 1 - Modelo dos círculos concêntricos de E. Burgess
Fonte: Pizzini (2015).

Lojkine (1977 apud OLIVEIRA, 2012) diz:

existir três tipos de segregação na urbe: 1. Uma oposição entre o centro e a periferia, onde o preço do solo varia conforme o lugar; 2. Uma separação crescente entre as zonas e moradias reservadas às camadas sociais mais privilegiadas e as zonas de moradia popular. 3. A divisão generalizada da cidade em funções de uso e consumo, disseminadas geograficamente em zonas especializadas: regiões de escritório, indústrias, comércio, moradia, ciência e tecnologia e as áreas de cultura e lazer.

No entanto, de acordo com Castells (1983 apud OLIVEIRA, 2012), a segregação é urbana é algo que:

interfere na organização do espaço em zonas de forte homogeneidade social interna e com bruscas disparidades sociais entre elas, sendo esta disparidade compreendida em termos de diferenças e de hierarquia. A segregação urbana aparece como uma rede complexa que separa não só as residências, mas se estende às formas de produção e reprodução da força de trabalho e das formas mais variadas de apropriação do espaço social (referente aos valores de uso e aos valores de troca que constituem o corpo da cidade).

Para além dos vários tipos de segregações geo-espaciais, os negros ainda são obrigados a conviver com a segregação por sua cor de pele. O Brasil, dentre os anos de 1918 a 1942, compartilhou os ideais da eugenia. Como mostra a pesquisadora (SILVA 2014), “Vale lembrar que o contexto social do Brasil [...] era o da valorização da brancura e do desprezo por todos aqueles que não se enquadravam no imaginário social como símbolo de desenvolvimento e de riqueza nacional”. Não obstante, esse ideário de raça impactou o desenvolvimento das políticas públicas nacionais, as quais, de uma maneira ou de outra, acabaram por influenciar a trajetória das condições de existência dos indígenas, mestiços e negros.

3. HISTÓRIA DE LONDRINA AOS “OLHOS” DOS DOCUMENTOS OFICIAIS

A cidade de Londrina - PR tem sua gênese no ano de 1929, com os propósitos do governo brasileiro de colonizar a área norte do estado, assim como o interesse da iniciativa privada em adquirir terras para o plantio, principalmente das culturas de algodão e café. A Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP), sediada na cidade de São Paulo e de matriz inglesa, adquiriu 515 mil alqueires paulistas de terras



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

devolutas do estado, medida que equivale a um milhão, duzentos e trinta e seis mil hectares.

Os primeiros trabalhadores da CTNP a chegarem na região que viria a se tornar a atual cidade de Londrina, foram:

George Craig Smith, funcionário de confiança da CTNP; o engenheiro agrimensor russo Alexandre Razgulaeff, contratado para os serviços de agrimensura, demarcação e divisão de lotes; o agrimensor auxiliar Spartaco Príncipe Bambi (brasileiro, filho de italianos imigrantes); o português Alberto Loureiro, empreiteiro encarregado de derrubar matas, abrir clareiras e começar as primeiras plantações; e os brasileiros Joaquim B. Barbosa, sócio de Loureiro na empreitada; Erwin Frohlich, cozinheiro; e Geraldo Pereira Maia, responsável por ‘serviços gerais’. (BONI, 2004, p. 45).

Eles abriram uma clareira e construíram ranchos para pernoitar um Hotel Campestre e um armazém. O próximo passo foi dividir as terras em lotes de 3 a 30 alqueires paulista, com a intenção de que mesmo os que tivessem poucos recursos financeiros pudessem comprar terras na região. Assim sendo, os “primeiros” a chegarem para ocupar, além das datas urbanas, os lotes agrícolas, foram os

srs. Alberto Kock, João Oberhauser, Harold Mayers, Miguel Kolceh, Joseph Johanes, Frederico Grieger, Joseph Schubert, Noel Farquhar, Elias Dequech, Felício Botaro [...] srs. Mitsugi Ohara, Tochio Tan, Nasaharo Chara, Masahico Tomita, Juichi Yamato, Michael Lischa, Fritz Schammet, José Petrowski, Balthasar Haber e Gustavo Waff. (COUTINHO, 1959, p. 62).

O local ainda não tinha uma infraestrutura adequada para receber os novos residentes, no entanto, começaram a chegar e vinham de muitos lugares do mundo, cerca de 30 etnias vieram para o que se transformaria na cidade de Londrina. Os estrangeiros eram uma soma de 8.308, dentre as nacionalidades haviam alemães, japoneses, austríacos, árabes, italianos, espanhóis, holandeses, portugueses, africanos, ucranianos, suíços e iugoslavos. No entanto, as referências sobre a chegada dos negros na cidade de Londrina falta nos dados oficiais, como constatado por Panta (ANO?):

Apesar das migrações provenientes do Nordeste terem sido expressivas e fundamentais para a configuração da mão-de-obra das lavouras de café no início da colonização de Londrina, nos registros oficiais da cidade, nota-se a tendência de preservar a memória dos grupos hegemônicos, ressaltando os ingleses que contribuíram com a formação da cidade com o investimento de capital. Nesse contexto, os que se beneficiaram foram os que puderam comprar um lote de terra, e, portanto, destacados na história como colonizadores da cidade. A característica da colonização de Londrina pode ter sido influenciada pela ideologia de branqueamento da população brasileira, institucionalizada legalmente por Getúlio Vargas, por meio do Decreto-Lei 7.667, em 18 de setembro de 1945, que regulava a entrada de imigrantes no Brasil de acordo com a necessidade de preservar e



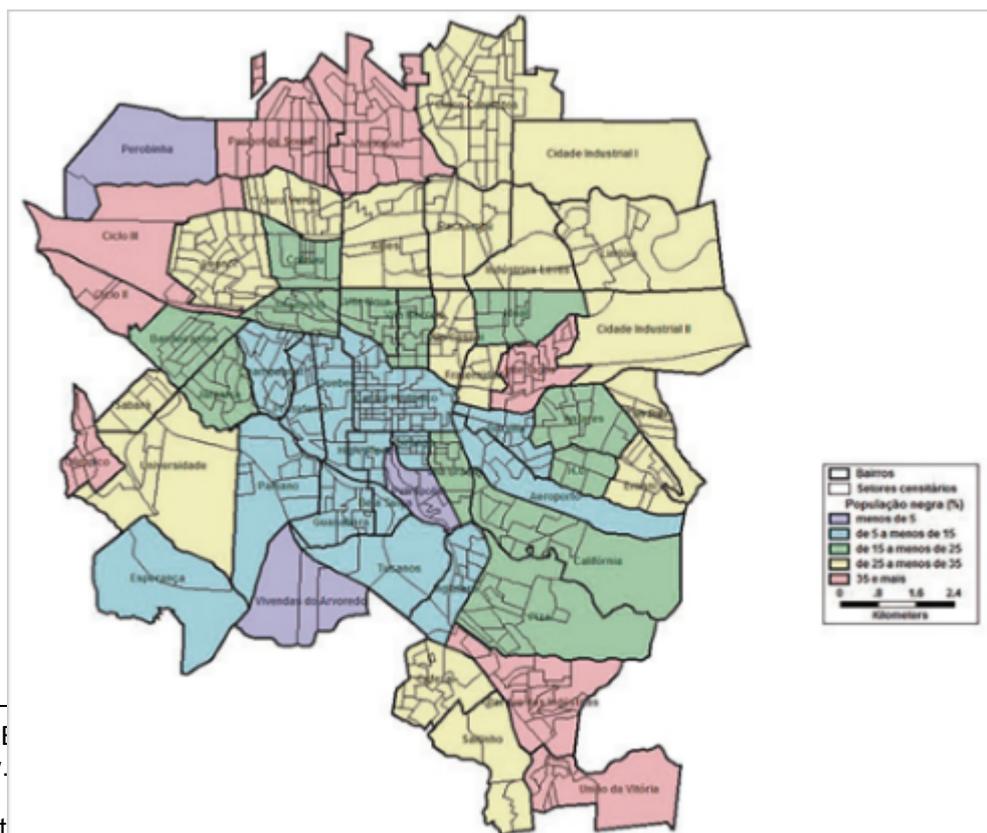
XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

desenvolver na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência europeia. As políticas de branqueamento implementadas no Brasil buscavam restringir qualquer forma de crescimento da população negra (NASCIMENTO, 1978 apud PANTA et al. ANO?, p. 1464).

Através da nota é possível imaginar o quão os indígenas, mestiços e negros foram prejudicados, e ainda são, por ter existido Decretos-Lei como o citado acima.

4. E OS NEGROS, ONDE ESTÃO ENQUANTO A CIDADE CRESCE?

Quanto ao que se trata de crescimento populacional, econômico-financeiro e estrutural, durante a primeira metade da década de 1930 foram feitas muitas solicitações à CTNP, a qual fornecia serviço de água encanada, “[...] Até Dezembro de 1933, fez-se 288 ligações; em 1934, Dezembro, 425 [...]” (COUTINHO, 1959, p. 85). Já na década ¹ de 1950, a cidade teve um salto populacional, indo de 20 mil para 50 mil habitantes. Através desses dados é possível constatar que o município de Londrina teve um ² crescimento considerado acima do comum. Na estimativa do IBGE (2015) ², Londrina tinha 548.249 habitantes, aos 81 anos de sua oficialização. E os negros, onde estão enquanto a cidade cresce?



1 PRF
<<http://www.pr.gov.br>>
Acesso em: 19 mai. 2016.
2 Inst
<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=411370search=parana>>. Acesso em: 19 mai. 2016.



Figura 2 - Distribuição da população negra em Londrina-PR, em 2010

Fonte: SILVA (2008).

De acordo com a Figura 2, os negros ocupam atualmente os territórios de cores rosa e amarelo (IBGE, 2010) ³, principalmente, o que prova que mesmo após oito décadas do surgimento da cidade de Londrina os negros ainda não têm iguais oportunidades de ocuparem os mesmos espaços dos demais cidadãos.

CONCLUSÕES

Constata-se que o processo de desenvolvimento urbano no município de Londrina está ligado ao cenário nacional, cuja cultura de europeização e de embranquecimento no Brasil se estabelecia como padrão. Corrobora com o fato de as terras do norte do Paraná terem sido compradas por uma empresa de matriz inglesa, ou seja, foram angariadas com capital financeiro britânico. Esses dois fatores, o de embranquecimento e o investimento de capital inglês, estão relacionados com a localização que os negros ocupam ainda nos dias atuais, pois continuam em situação de desprivilegio, ocupando as franjas da cidade.

REFERÊNCIAS

BECKER, H. **A Escola de Chicago**. *Mana* 2 (2): 177-188, 1996. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v2n2/v2n2a08.pdf>>. Acesso: 26 mai. 2016.

BONI, P. C. **Certidões de Nascimento da História: o surgimento de municípios no eixo Londrina – Maringá**. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/mestrado/comunicacao/wp-content/uploads/certidoes-de-nascimento-da-historiacompleto.pdf>>. Acesso: 15 mai. 2016.

COUTINHO, H. P. **Londrina 25 anos de sua história**. São Paulo: Universal, 1959.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

³ SILVA, M. N. **O negro em Londrina: da presença pioneira negada à fragilidade das ações afirmativas na UEL**. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 82, março de 2008. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/082/82silva.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2016.



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

OLIVEIRA, R. J. **Segregação Urbana e Racial em São Paulo**. 2012. Disponível em: <<http://www.cidurb.uneb.br/anais/SEGREGACAO%20URBANA%20E%20RACIAL%20EM%20SAO%20PAULO.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

PANTA, M. A. S. et al. **O pioneirismo negro no norte do Paraná: Justiniano Clímaco da Silva, o doutor preto**. Ano? Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/o_pioneirismo_negro_no_norte_do_parana_justiniano_climaco_da_silva_o_doutor_preto.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2016.

PIZZINI, M. V. **Fundamentos teóricos de la sociología urbana II**. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zzb5ERYen4Y#t=26.196229>>. Acesso em: 14 mai. 2016.